André Anlub e Rogério Camargo

A LUZ E O DIAMANTE

duetos

1ª edição

Crato CE
e
Porto Alegre RS
2015

Capa

André Camargo

EDIÇÃO DOS AUTORES

Tenho feito uns poemas em parceria com um amigo de internet. Há uma semana o brinquedo começou, não falhamos nem um dia (o cara também gosta muito de escrever), já temos sete "rebentos", como ele diz. É um bom exercício: de humildade e gentileza, no mór das vezes. De curvatura e aceitação. Porque você pensa uma coisa, visualiza até, o companheiro não capta, leva o poema para outro lado e você que se vire. Acho ótimo ter que me virar pra escrever. A vida toda me propus desafios. Com o meu caríssimo André ainda há o de sincronizar idiossincrasias pessoais à primeira vista excludentes. Ele é caudaloso, eu sou sucinto; ele é carnal, eu sou quase etéreo; ele tem um relacionamento tempestuoso com o ritmo, eu sou praticamente regido pelo ritmo; as imagens do amigo são ásperas, as minhas são macias; ele aponta para baixo, racional, eu aponto para cima, beirando o místico. Assim, ao primeiro impacto, seria de correrm os um do outro. Pois estamos nos dando muito bem. Tão bem que, se o brinquedo persistir, uma outra série de livros nascerá. (RC - 09.12.2014)

Poesia é meu divisor de águas, carro-chefe da vida, bazófia ao meu cerne, cão de rua de raça e de briga, e cão de casa sem raça sempre "sussa"; não aponta dedos, e sim lápis, saboreia letras e trutas, embriaga-se com versos e viços, cheira pó de aragem e até ar viciado que quer deixar o vício; é norte sem ego e corte cirúrgico cego e assíduo; assobia e bebe cana, fala de boca cheia de ideias, come caviar e arrota fritas e usa roupa de quinta em pleno fim de semana. Não coloco mais o pé na estrada, pois ela já vem a mim. (AA - 04.05.2015)

Sempre que no arco fores
antes de no arco ires
cuida se no arco há cores.

RC

I

E lá vem a nostalgia, dessa vez de dia e vestida de vermelho.
O que carrega da noite (des)esperada tenta sufocar.
Eis o brio a brilhar, desconcertante, e a meiga despedida,
Ainda tímida como sempre foi, ainda temerosa como sempre é,
Busca no nascente sol o girassol que a induz outra vez à vida.

Se o que ela sabe serve ainda um pouco,
Se com sua verve a água derrama do poço
O que restou de lágrimas e o vermelho não esconde,
As alamedas do ontem reinventam a saúde, a juventude, o dia de hoje.

II

A delicadeza tem amigos.
Os amigos da delicadeza são ecos de abrigos; castelos sem muros.
De todos os escuros da incerteza,
Não há pior que o horror do breu do desamor.
Delicadamente, como lhe convêm,
ela e seus amigos ditam à realeza o que é fidúcia; criam suas próprias metas e normas
(com muita astúcia).
Na incerteza não se criam abrigos.
É da certeza de si que ela se faz poética,
pois sendo menos cética: há premissa, poesia, preguiça e espaço-tempo...
Há ensejo, folguedo, pelúcia: fino brinquedo.
Há de tudo para haver de menos.
Os amigos sabem e a amiga dos amigos sabe:
Fatídico fim da futura avareza.

III

Já fazia algum tempo que o Sabiá mudou de melodia,
A vida sempre a mesma já não era a mesma
Pela sinfonia em transe da quaresma – pela flauta frenética do Baco na folia.
Sabiá, mais sabedor de si mesmo agora, com a garganta que canta,
O voo arrebatador em aberto, extrapolando as janelas, para o além das molduras.
Com ele vai junto o sonho de quem acompanha,
Vai junto à paz que grita tamanha,
Defesa de tese sem fazer campanha.
A luz brilha no alto, vem num salto e traz um som das alturas,
Som que o Sabiá sabia desde antes de mudar a melodia.

IV

O amor anônimo, lá tão longe mesmo tão perto,
Disperso pela busca eterna de uma perfeição etérea,
Chega porque chega, fica porque fica, expressão aérea
Da inspiração palpável e imagética que procura comunhão.

O amor com prenome, sempre tão perto mesmo tão longe,
Fulge aos gritos, mesmo que calado,
Cala gritando, os olhos em fogo, as mãos ventania, os pés furacão
Assim caminhando, sem foco ou mando, só caminhando...

Com nome ou sem nome, o amor perto longe, o amor longe perto
De certo é bem-vindo, é qualquer caminho, carne e espírito, tez e excitação;
Calado gritando, gritando calado, levando e levado, amado amando, amando amado
Na linha do horizonte, agora acordado, luz/sol despontando, despontado, desperto.

V

Eis as primárias linhas do poeta, desabando, gotículas de chuva na vastidão do mar.

Não são as primeiras mágoas, mas são as primeiras águas de um esteta.

Ao longe abandona a solidão com a ambição de companheirismos perfeitos.

Costura as ondas com o olhar, alinhava nuvens, prende gaivotas à liberdade.

Vendo em tudo "qualidades", aspira e respira respeito como um rei em seu reino...

Eis então as primárias linhas do poeta, afetas a seus afetos, diretas em seus completos:

Visam apagarem suas últimas mágoas, as últimas lágrimas que a sua face banharam.

É uma viagem do sim atravessando os desertos do não,

Dando um banho de inspiração na lúgubre escuridão do sem nada.

VI

O galho verga ao peso da rosa, pesada de si e da água que banha.
No sonho além das colinas, passando a neblina, reside o alívio.
Os olhos presos no horizonte das pétalas e das polpas esperam
Aquele escalar da lagarta, aquela gota de orvalho e o ligeiro banho em dilúvio.

O galho verga ao peso do peso - e nele também pesa a leveza
Na simplicidade do natural – natureza, na cumplicidade do ao redor: desejo.
Desejo de muito quando já é tudo, desejo de mais quando já é tudo.
É o absurdo de tamanha beleza, fazendo uma pétala ser do tamanho do mundo.

VII

Acordei: além disso, ou daquilo, amanheceu e veio o estalo, ingresso para o embalo, para o baile, à caneta...

Fardei-me de manhã cedo, perfumei-me de aurora, embarquei na alvorada e me enfiei pela música.

É assim que acho certo, feito cachoeira no deserto – um Saara e uma cerveja.

O que me chama na música além, muito além da areia queimando os pés

É tal tom que na tua tez, na tinta tatuada o tautograma quebrado, fez-se adequado para tocar-me,

Para atravessar o sentido de estar vestido das manhãs e revestido de esperanças.

Mais uma vez acordei: vi meu corpo opaco nos teus olhos belos, verdes, no teu sorriso amarelo, mas tão esperado – benfazejo,

Benfazejo como o deserto quando não deserta, quando não deserda, quando é música e eu vou à música.

Agora posso deitar-me, pois assim deu-se o dia com nossa melodia, simples maravilha do amor em ter-te inteira – doce faceira – cria da insana fantasia.

VIII

Abro a janela para a janela aberta e para a janela aberta abrirei a janela.

Assim sendo, expondo os meus internos horizontes que fazem o montante que me completa absoluto...

Nada é mais importante que a janela aberta diante da janela aberta

A incumbência de ir além, sair do ventre, ir adiante... embarcar no trem,

Meu trem de viagem imediata, instantânea, irrevogável diante da paisagem interna

- Um afago do alento; um trago de ler Jorge Amado; uma ambiguidade é voltar no tempo e seguir no agora dentro desse fardo.

O que acontece lá fora faz uma visita para o que acontece aqui dentro,

Busca o meu Eu mais poético, frenético e farto.

É quando parto sem partir, é quando um quarto é a casa toda, é quando infarto e meu coração é mais coração do que nunca.

(...) mais uma vez, assim sendo, absoluto me concerto e me interpreto (ser o ser completo).

IX

Viu no seu espelho aquele reflexo intenso de novas probabilidades.

Resolveu então entrar no espelho, porque era lá que estava a sua verdade.

Mergulhou e escreveu... se conheceu e não esqueceu ou escondeu seus medos,

Não ficou prova na tinta que marcou seus dedos.

Na beleza da sua mais nova/antiga realidade, renasceu

O que há muito tempo, entre cortinas e persianas fechadas percebeu

Já era o tempo, mas não no sentido de perda; era o tempo de agora ser a própria ajuda e história, ser seu dono deixando entrar a luz e fazer-se a cor.

Tempo de sacudir a inércia, de bater os tapetes da acomodação, de dar um basta à desistência e ao torpor.

Assim cria-se um novo poeta, de visão sem enlaças e ideias ao vento, a cabeça feita, moldada na adequação exata que exige a sua dona, a escrita.

E se sua dona quiser, ele pode aprender a diferença entre a feia e a bonita.

E se sua dona deixar, ele pode nadar em águas quentes e frias.

E se sua dona for mesmo sua dona, nunca mais as cortinas abrirão para paisagens vazias.

X

A velha ponte entre sonhar e ter sonhado, entre acordar e continuar sonhando

Deixando-me entusiasmado por dar cria ao inspirado fato que move meu coração.

Gosto de pensar que ela sabe de onde me trouxe e sabe para onde me leva,

Pois a travessia pode até ser árdua; mas água, pão, lápis, pincel e o bloquinho eu levo para uma eventual contramão.

O mapa eu deixo para as pontes como esta. O mapa vem-me das pontes como esta.

Sinto-me realizado, não quero conhecer o futuro, o porvir; quero embriagar-me de novidades, olhar sempre com olhos de novo, de "aqui".

A velha ponte que atravesso todos os dias também renova o olhar do "aqui", é o seu colírio e o seu oftalmologista;

É também meu dentista, que cuida/clareia/incendeia e congela o meu poético "sorrir".

XI

Eis a nova percepção da leitura, aquele saborear sem julgamentos e "olhos de faca".

Nem olhos de estilete são necessários: a página se abre fácil à compreensão dócil,

Surgem romances e poesias – nascem nuances policromas da própria vida;

E as mãos talvez ávidas, quase aflitas, também namoram com a calma e a distensão.

Foi-se o tempo penoso dos ventos sem fundamentos, da pequena procura sem fim e incompleta, inconsequente e em ignição.

Foi-se, mas pode ser que volte, não sei, não me prometeu nem jurou nada. Só sei que agora, entre as páginas viradas, encontro o que ele deixou.

Eis a tamanha confiança carregando os versos completos, espertos e profundos, como a aura brilhante que nota a "dúvida" voando, livre, e sabendo que ela é uma passarinha do mundo.

A nova percepção da leitura é uma leitura da percepção. Sem ela, o livro é apenas o livro, nada mais que o livro, embora um livro.

Agora fica o conselho: o Abra, o leia – abra-se, se abrace; descubra um universo que vive em folhas e descubra suas folhas em seus inversos.

Porque é neste momento que D. Quixote troca de lugar com Robin Hood.